

APONTAMENTOS SOBRE A EVOLUÇÃO DAS VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS DE PERSONAGENS DE "OS MAIAS"

NOTES ABOUT THE EVOLUTION OF THE LIFETIMES AND MEMORIES OF "OS MAIAS" CHARACTERS

Giuliana Andréa Coelho Simão Barreto de Sousa*
Lázaro Manhães Simões**

Resumo

São apresentadas notas sobre memórias de personagens do romance "Os Maias. Episódios da vida romântica", de Eça de Queirós. Deduz-se que algumas personagens invocam e produzem memórias através da propagação recorrente de uma espécie de período interior. Nota-se que a reprodução destas sensações realiza-se por meio de divagações ou lembranças de ocorrências vivenciadas. O estudo, eminentemente exploratório, utiliza uma listagem bibliográfica para recolhimento de dados.

Palavras-chave

Memória, Literatura, "Os Maias".

Abstract

This article shows notes about the memory of characters of the novel "Os Maias. Episódios da vida romântica". It rises the theory that some characters invoke and make memories through of the running over propagation of a kind inside in a lifetime. It's observed that these sensations' reproduction realize through of divagations or memories of lifetimes occurrences. For this analysis, it is occurred a bibliography search.

Key words

Memory, Literature, "Os Maias".

Introdução

A Literatura educa nossas percepções. Adquirimos conhecimento e habilidade para considerar com atenção nós mesmos e outros indivíduos. Nossa percepção da realidade passa a ser proprietária de um alicerce construído pelo compartilhamento do mundo com outras pessoas.

Além da perda da própria identidade, abrir mão deste compartilhamento pode levar também à perda da reminiscência cultural. Deixaríamos de nos jubilar

* Pós graduanda em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo IFF. Professora de Língua Portuguesa do Estado do Rio de Janeiro. Graduada em Letras pela UNIFLU – FAFIC.

** Pós graduando em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo IFF. Graduado em Ciências Sociais pela UENF.

com a cultura, perderíamos a emoção agradável propiciada pelo conhecimento. Como demonstra o antropólogo Roberto DaMatta, as estórias configurar-se-iam como "[...] propriedade conferidora de plenitude humana que o narrar, o recapitular, o rememorar e — eis uma bela e nobre palavra — o recordar, o falar com o coração, o relato onde o humano se revela por inteiro porque está com os outros, realiza." (DaMATTA, 2009, p. 7)

Não só o contentamento dado pela narração de uma estória seria desperdiçado, mas deixaríamos, como leitores, escapar a confusão e a hesitação. "Os maias. Episódios da vida romântica", romance publicado em 1888, escrito pelo português Eça de Queirós (1845-1900), com o transpor do tempo ajuda a propagar estes estados emocionais, estados tentadores.

Uma época vivenciada subjetivamente

"Os Maias" denota traços, maneiras de pensar e comportamentos culturais de uma época, qual seja, o século XIX. A ficção assinala dinâmicas e discordâncias de um ambiente social bem determinado em termos históricos. A economia, a política, o jornalismo, a diplomacia, o governo e a literatura estão representados em saraus, jantares, corridas de cavalos e seroadas. Deste modo, elabora-se um relato social conforme o subtítulo "Episódios da Vida Romântica" e sinaliza-se a força que o Romantismo possui em uma sociedade do fim do século supracitado, em uma sucessão de situações que indicam decadência e desequilíbrio institucional.

O tempo ficcional da obra em questão está enquadrado até o ano de 1887. A representação temporal no discurso destaca, principalmente, o transcurso de Carlos da Maia pela história. Ao situar-se em Lisboa, Carlos da Maia perpassa quatorze capítulos que expõem a sua vivência por somente dois anos. Depois, no remate do romance, ocorre a apresentação de poucas horas em que a personagem retorna a Lisboa. Em Santa Olávia que Carlos passa a infância e para lá que foge quando descobre a relação incestuosa com a irmã.

A referência aos antepassados do protagonista - juventude e exílio de Afonso da Maia na Inglaterra; educação, casamento e suicídio de Pedro da Maia; e à educação de Carlos da Maia e sua formatura em Coimbra, recobra o presente da história ao longo do livro remetendo-se ao registro efetuado nas primeiras linhas da obra. Esta primeira parte serve como uma introdução que dura quase sessenta anos.

A visão de Carlos, complementada eventualmente pela de João da Ega, está inserida na história. É um olhar de educação britânica que, no princípio, assombra-se com aquele momento da sociedade portuguesa. Carlos parece gozar de uma certa posição ou condição de ser superior permitindo-lhe assumir um papel comedido de crítico da amplitude social.

João da Ega pode ser considerado como uma projeção literária de Eça de Queirós. Personagem contraditória, por um lado é romântico e sentimental, por outro, progressista, crítico e sarcástico. Amigo íntimo de Carlos desde os tempos da faculdade de Direito, este filho de uma viúva rica e beata, a quem causava constrangimentos por causa do seu ateísmo, planeja grandes projetos literários que nunca chega a executar.

A história mostra uma observação da sociedade lisboeta a partir da alta burguesia, ou do grupo que se reunia nos salões do Ramalhete perante um conjunto de indivíduos que passou a ser considerado, neste mesmo casarão, como a comunidade mais covarde da Europa. O setor fidalgo fica afastado das penúrias da classe governista de Portugal, pois considera que esta é constituída por subalternos.

As consciências das personagens unem o passado e o que há de vir. A conservação e lembrança dos estados de consciência passados ladeiam o adiantamento do futuro. Neste sentido, o filósofo Henri Bergson, ao desenvolver estudos sobre a temática da memória individual, assevera que a consciência "É uma sucessão de estados em que cada um anuncia aquele que o segue e contém o que o precedeu." (BERGSON, 1984, p.16)

Henri Bergson, em síntese, defende a idéia de que a lembrança é o registro involuntário de imagens e ocorrências. Daí, poderíamos retirar da memória reminiscências únicas e sem artificialismos. As recordações pessoais "[...] constituem, reunidas, o último e maior invólucro de nossa memória. Essencialmente fugazes, elas só se materializam por acaso, seja porque uma determinação acidentalmente precisa de nossa atitude corporal as atraia, seja porque a indeterminação mesma dessa atitude deixe o campo livre ao capricho de sua manifestação." (BERGSON, 1999, p. 120)

A subjetividade da personagem Carlos recebe uma consideração temporal. A seguinte passagem denota o desinteresse em relação a um conhecimento que permita uma distinção da ordem exata de ocorrência dos fatos:

Carlos e Ega continuaram devagar até ao portão do Cruges. As janelas do primeiro andar estavam abertas, sem cortinas. Carlos, erguendo para lá os olhos, pensava nessa tarde das corridas em que ele viera no phanteon, de Belém, para ver aquelas janelas: ia então escurecendo, por traz dos stores fechados surgira uma luz, ele contemplara-a como uma estrela inacessível... Como tudo passa!" (QUEIROZ, 1969, p. 550).

É nítido o interesse pelo período relativo à sensibilidade, à comoção, em detrimento de uma cronologia. Carlos menciona:

Isso passara-se havia vinte e tantos anos, numa sociedade quase desaparecida. Era como o episódio histórico de uma velha crônica de família [...]. (QUEIROZ, 1969, p. 183).

Em outros momentos, tendo em vista a intensidade do drama, o decorrido é suplantado pelo presente:

O criado entrou com a bandeja - e Carlos, de pé junto da mesa, remexendo o açúcar no copo, recordava, sem saber porque, aquela tarde em que a condessa, pondo-lhe uma rosa no casaco, lhe dera o primeiro beijo; revia o sofá onde ela caíra com um rumor de sedas amarrotadas... Como tudo isto era já vago e remoto! (QUEIROZ, 1969, p.655).

Carlos e Ega relacionam-se com a vida social através de uma periodização interior, uma espécie de melancolia profunda. Na visita ao casarão do Ramalhete, o estado de abandono da propriedade permite que Ega traga de volta à memória

[...] a alegre casa dos Olivaes que tinham ornado, as belas noites de cavaco, os jantares, os foguetes atirados em honra de Leônidas... Como tudo passara! (QUEIROZ, 1969, p. 708).

A situação do Ramalhete demonstra uma sensação de julgar as coisas pelo lado mais desfavorável:

Ega sentara-se também no parapeito, ambos se esqueceram num silêncio. Em baixo o jardim, bem areado, limpo e frio na sua nudez de inverno, tinha a melancolia de um retiro esquecido que já ninguém ama: uma ferrugem verde de umidade cobria os grossos membros da Venus Citherea; o cipreste e o cedro envelheciam juntos como dois amigos num ermo; e mais lento corria o prantosinho da cascata, esfiado saudosamente gota a gota na bacia de mármore. Depois ao fundo, encaixilhada como uma tela marinha nas cantarias dos dois altos prédios, a curta paisagem do Ramalhete, um pedaço de Tejo e monte, tomava naquele fim de tarde um tom mais pensativo e triste: na tira de rio um pacote fechado, preparado para a vaga, ia descendo, desaparecendo logo, como já devorado pelo mar incerto; no alto da colina o moinho parara, trazido na larga friagem do ar; e nas janelas das casas á beira d'água um raio de sol morria, lentamente sumido, esvaído na primeira cinza do crepúsculo, como um resto de esperança numa face que se anuvia." (QUEIROZ, 2001, p. 482).

< Na seguinte elocução, a importância colocada na vivência subjetiva de um período é desvelada de forma mais contundente: >

É curioso! Só vivi dois anos nesta casa, e é nela que me parece estar metida a minha vida inteira! (QUEIROZ, 2001, p. 485).

Ao realizarem um passeio por Lisboa, Carlos e Ega comentam sobre o cotidiano de decadência da cidade:

"Estavam no Loreto ; e Carlos parara, olhando, reentrando na intimidade daquele velho coração da capital. Nada mudara. A mesma sentinela sonolenta rondava em torno à estátua triste de Camões. Os mesmos reposteiros vermelhos, com brasões eclesiásticos, pendiam nas portas das duas igrejas. O Hotel Aliança conservava o mesmo ar mudo e deserto. Um lindo Sol dourava o lajedo ; batedores de chapéu à faixa fustigavam as pilecas ; três varinas, de canastra à cabeça, meneavam os quadris, fortes e ágeis na plena luz. A uma esquina, vadios

em farrapos fumavam ; e na esquina defronte, na Havanesa, fumavam também outros vadios, de sobrecasaca, politicando.

– Isto é horrível, quando se vem de fora ! – exclamou Carlos.

– Não é a cidade, é a gente. Uma gente feiíssima, encardida, molenga, reles, amarelada, acabrunhada !... (QUEIROZ, 2001, p. 473).

Os amigos relatam um ideário de vida: nada desejam e nada receam.

Ega ergueu-se, atirou um gesto desolado :

– Falhamos a vida, menino !

– Creio que sim... Mas todo o mundo mais ou menos a falha. Isto é, falha-se sempre na realidade aquela vida que se planeou com a imaginação. Diz-se : «Vou ser assim, porque a beleza está em ser assim.» E nunca se é assim, é se invariavelmente assado, como dizia o pobre marquês. Às vezes melhor, mas sempre diferente. Ega concordou, com um suspiro mudo, começando a calçar as luvas. (QUEIROZ, 2001, p. 484).

Percebe-se que Eça cria personagens que realizam uma distribuição de acontecimentos de forma interior, como uma periodização que leva em conta construções culturais ou sociais. A continuidade dos eventos passa a ser a idéia central da sensação de vida mental. Esta persistência acaba possuindo grande ascendência sobre o senso e as percepções das personagens Carlos e Ega além de possibilitar que os leitores estabeleçam novas criações em suas próprias memórias. O leitor de Os Maias adquire um potencial de tornar a inventar os "episódios da vida romântica" de acordo tanto com sua visão de mundo, quanto com sua reminiscência.

Conclusão

O romance permite o entendimento de que a memória seja uma opção estética para a estória da família Maia, assim, a leitura acaba criando âmbitos fictícios que originam lembranças.

Verificamos que a passagem do tempo exerce efeito sobre as personagens de Carlos e Ega quando notamos que uma espécie de período interior é propagado de forma recorrente através de divagações ou lembranças de ocorrências vivenciadas em uma disposição ordenada de fatos que denotam - em relação a uma Lisboa de fins de século - ironia, sarcasmo, tristeza e romantismo. Antes de tudo, deduz-se que as personagens revelam a faceta humana da busca por trazer à memória como um esforço no sentido de realizar algo inventivo.

Referências

BERGSON, H. *Cartas, conferências e outros escritos*. São Paulo: Abril Cultural. 1984. (Coleção Os Pensadores).

BERGSON, H. *Matéria e memória*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: MartinsFontes, 1999.

DAMATTA, R. Quando você sabe que envelheceu. *O Globo*, Rio de Janeiro, 06 maio 2009.

QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias. Episódios da Vida Romântica*. Lisboa: Livros do Brasil, 1969.

QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias. Episódios da Vida Romântica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.